

DIÁLOGO ENTRE A LITERATURA E A MÚSICA: VIVENCIANDO ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES

PRAXEDES, Maria Fernandes de Andrade
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
ARNAUD, Benedita Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

A literatura é uma arte polissêmica e polifônica, dialoga constantemente com outras artes. A música e a literatura sempre estiveram correlacionadas com a história da humanidade, desde a antiguidade o texto literário adapta-se à música, bem como a música adapta-se ao texto literário, mais precisamente ao poema.

A música como qualquer outra arte acompanha historicamente o desenvolvimento da humanidade e, como prática social, agrega, em sua constituição, aspectos que transcendem suas dimensões estruturais estéticas. Como expressão cultural, a música pode ser considerada um veículo universal de comunicação, pois não se tem registro de qualquer grupo humano que não realize experiências musicais como meio de contato, apreensão, expressão e representação de aspectos simbólicos culturais. Todavia, o fato de ser utilizada universalmente não faz da prática musical uma “linguagem universal”, tendo em vista que “cada cultura tem formas particulares de elaborar, transmitir e compreender a sua própria música, (des) organizando, idiossincraticamente, os elementos que a constituem” (QUEIROZ, 2004, p. 101).

Historicamente, a música já esteve presente na educação brasileira em vários momentos com finalidades específicas. Podem-se exemplificar as escolas mantidas pelos jesuítas no Brasil até o século XVIII. Estas escolas inseriam a prática da música no currículo, com finalidade religiosa. No século XIX havia legislação específica sobre a música para a aprendizagem do solfejo e do canto, incluindo a questão da necessidade de preparação de professores específicos para o ensino de tal prática na escola.

A partir da década de 1970, a Lei n. 5.692/71 trouxe a Educação Artística para o currículo escolar, estabelecendo a prática da polivalência para as artes – um professor responsável por todas as áreas artísticas, tendo, como uma de suas consequências, a superficialização de conteúdos artísticos na escola. Com a LDB de 1996, o ensino de arte é estabelecido como componente curricular obrigatório, sem a indicação de que áreas deveriam

ser incorporadas neste ensino, nem que tipo de profissional deveria ser responsável pelo ensino das linguagens artísticas. Em 2008, a Lei n. 11.769/08 trata da obrigatoriedade da música como conteúdo curricular, alterando e completando o parágrafo 2º da Lei n. 9.394/96, onde o ensino de arte insere, obrigatoriamente, o ensino de música.

A Lei n. 11.769/08 representa, em algum nível, um avanço no texto legal. Ela alterou a Lei n. 9.394/96, que traz a obrigatoriedade do ensino de arte na escola. Sendo assim, a música deverá ser conteúdo indiscutível no currículo, cumprindo aquilo que está estabelecido no artigo 26 da LDB de 1996.

A análise que se faz acerca da Lei n. 11.769/08 é de que esta apresenta, em seu texto, a não exclusividade do ensino da música: a música é conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, ou seja, o currículo escolar deve estabelecer um espaço para a música, sem prejuízo das outras linguagens artísticas. Em suma, a Lei n. 11.769/08 estabelece que a música é conteúdo curricular obrigatório, o que implica uma série de adaptações por parte dos sistemas educacionais para que tal conteúdo seja devidamente incorporado ao conjunto de componentes já presentes nos currículos escolares (BRASIL, 2011).

No tocante a literatura, percebe-se que o contato do aluno com a mesma é, muitas vezes, uma tarefa árdua. Os atrativos das imagens e sons eletrizantes da indústria cultural se contrapõem ao exercício da reflexão e da problematização do mundo através da leitura.

Conforme Adorno (2000), filósofo Alemão, “a barbárie cultural reclama aos berros a eliminação da crítica”, tolhendo a criatividade humana e colocando, em lugar desta, a mercadoria, alvo de consumidores cada vez mais manipulados pela massificação.

Portanto, se não presente, ainda, no currículo escolar, e considerando que a música sempre esteve no cotidiano dos alunos, a escola, tem a possibilidade de oportunizar aos alunos o contato com esta produção humana de maneira prazerosa, como um veículo de reflexão, diálogo e interação, podendo ser explorada não só nas aulas de Língua Portuguesa como pretexto para o estudo da gramática no texto literário, mas em atividades interdisciplinares em diferentes contextos e como ampliação das atividades didático-pedagógicas. A partir de temáticas apresentadas nas músicas, há a possibilidade de se explorar a comunicação oral e escrita dos alunos, a criticidade destes e, sobretudo, enriquecer a visão de mundo para atuarem positivamente na sociedade, o que envolve a interação entre literatura e sociedade, arte e consciência, “eu” e mundo,

Segundo Silva (2004) “trabalhar com textos de tipologia diversa e produzidos por diferentes setores da cultura nacional significa, em última análise, dar ao aluno meios e instrumentos para uma leitura plural do mundo.” Discutindo acerca da diversidade de gêneros,

Porto (2009, p. 25) destaca que “é importante que o aluno seja levado a perceber a multiplicidade de usos e funções a que a língua se presta, na variedade de situações em que acontece, buscando, na comunidade local e na escola, motivos e oportunidades de leitura.” Assim, o professor precisa oferecer ao aluno uma diversidade cada vez maior de tipos e gêneros textuais, a fim de alargar a sua experiência em relação ao uso da língua, formulando e selecionando informações relevantes durante o ato da leitura.

Destacamos ao longo destas discussões dois gêneros textuais que consideramos importantes para despertar o gosto pela leitura e, conseqüentemente, ampliar o repertório de conhecimento de mundo e da palavra – a música e a literatura, duas manifestações artísticas infinitamente ricas em seus aspectos estruturais e temáticos. A primeira seduz pelo jogo de sons, a outra pelo jogo de palavras e pelas inúmeras possibilidades de se pensar o homem e a sociedade.

Este tem como objetivo socializar uma experiência de intervenção que utiliza a música na sala de aula como meio de instigar a leitura do texto literário. A referida proposta atua como projeto de extensão, e sua particularidade reside no propósito de contribuir com os professores de literatura nas atividades didático-pedagógicas com vistas a subsidiar-lhes o planejamento e a execução de aulas propositivas, com sugestões de atividades interdisciplinares, favorecendo a inter-relação com a literatura, com conhecimentos históricos e culturais, bem como possibilitar o contato do aluno com a “boa música”, considerada, sobretudo, aquela que visa ampliar e/ou aprimorar o universo musical dos alunos, a partir da descoberta e da incorporação de estéticas e experiências musicais variadas, por vezes não veiculadas pela mídia e, conseqüentemente desconhecidas por eles.

O projeto é desenvolvido na Escola Agrotécnica do Cajueiro – Campus IV da UEPB, em Catolé do Rocha–PB, em duas turmas de 2º ano do Ensino Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio. A referida proposta partiu de uma inquietação sobre a dificuldade de leitura de literatura na escola, visto que os alunos não se sentem, muitas vezes, motivados para tal atividade.

A música como discurso simbólico, nasce em um contexto social, entretanto, por sua natureza metafórica, não é apenas um reflexo da cultura, visto que a mesma pode ser criativamente interpretada e produzida. Sendo assim, a pluralidade contemporânea das “músicas” requer uma redefinição das relações entre a música e a literatura, como artes que se complementa e, pensar uma forma de estabelecer um diálogo entre essas duas manifestações artísticas trouxe oportunidades de repensar o ensino de literatura que, muitas vezes, se dá apenas na perspectiva da historicidade, deixando a obra literária em segundo plano, pois os

alunos precisam memorizar datas, nomes de autores e características das chamadas “escolas literárias”.

Ensino de Literatura

Entre as questões mais controversas que pairam sobre as escolas, o ensino de literatura, desde a sua finalidade até a metodologia adota em sala de aula, tem resultado em muitas pesquisas sobre a função da literatura no ambiente escolar. De acordo com Candido (1972, p. 803) “a ideia de função provoca não apenas uma inclinação para o lado valor, mas para o lado pessoa: no caso, o escritor (que produz a obra) e o leitor, coletivamente o público (que recebe o seu impacto).” Pode-se inferir, conforme o pensamento do crítico, que a função da literatura tem a ver com os valores que são atribuídos a uma determinada obra literária por parte de quem escreve e de quem a recebe. Candido aponta três funções da literatura – função psicológica, em virtude de sua ligação estrita com a capacidade e necessidade que tem o homem de fantasiar, necessidades expressas através dos devaneios; - função formadora, pois a literatura atua como instrumento de educação, de formação do homem, uma vez que exprime realidades que a ideologia dominante tenta esconder; e função social, que possibilita ao indivíduo o reconhecimento da realidade que o cerca quando transposta para o mundo ficcional.

Como se pode constatar, a função da literatura não é um jogo de cartas abertas, é, sobretudo, um processo de encontro que depende de quem lê e com que objetivo lê, isto é, o que busca no ato da leitura, que essa busca possa lhe proporcionar prazer e satisfação, e possa colocar seus horizontes de expectativas, fazendo do exercício da linguagem artística um caminho de descobertas, de liberdade, de sonhos e realizações, que possa estreitar sua relação com o mundo do texto e o mundo fora do texto e, assim, compreender a importância que a literatura exerce no meio social, principalmente no homem como indivíduo participativo e responsável pela manutenção desse meio.

Literatura e leitor: recepção e efeito

A teoria da estética da recepção aponta uma distinção entre recepção e efeito dentro do contexto da relação do leitor com o texto, segundo Jauss (2002, p. 127) “o efeito é determinado pela obra e a recepção depende de um destinatário ativo e livre”. O ato da leitura coloca lado a lado dois protagonistas - o texto, que traz o mundo de valores e o horizonte de

expectativa do autor, implícito nas estratégias textuais, um repertório enriquecido por intertextos, referências e ideologias que se organizam na interação comunicativa, e o leitor, sujeito indiscreto, questionador, que busca respostas aos seus questionamentos.

No espaço escolar, é importante discutir a diferença entre dois níveis: leitura da literatura e ensino da literatura. A primeira questão inscreve-se sobre a compreensão do texto, as experiências vivenciadas pelo leitor no ato da leitura e a segunda diz respeito ao estudo da obra literária, considerando a sua organização estética. Contudo, esses dois níveis estão intimamente imbricados, pois, na medida em que o aluno mantém a experiência de ler o texto deverá, também, ser instrumentalizado no sentido de reconhecer a literatura como objeto esteticamente organizado.

Nesse sentido, é necessário promover práticas de leituras literárias que visem o prazer e o enriquecimento, fazendo dessas práticas um desafio saudável para o aluno, posto que a leitura é, também, uma atividade desafiadora. Dessa forma, o professor tem um papel fundamental que é o de mediador nesse processo, explicitando para o aluno os objetivos da leitura. De acordo com Cristina Mello (1998, p. 333) “os alunos devem saber interrogar o texto e encontrar respostas para as suas perguntas, sendo importante explicitar, por parte de quem orienta, dos objetivos da leitura e estratégias envolvidas na leitura”.

A escola precisa ampliar suas práticas de leitura literária de modo que as atividades sejam um processo de construção e reconstrução de sentido para o aluno, é indispensável considerar essas práticas de forma articulada, visto que estão dialogicamente relacionadas. Para Cristina Mello (ibidem), “a grande dificuldade na abordagem das obras literárias reside na elaboração de estratégias capazes de garantir, de fato, a aprendizagem dos saberes teóricos e metodológicos envolvidos nas atividades de leitura, que implica também a escrita”. Desse modo, recai sobre o professor de literatura a responsabilidade de elaborar estratégias de ensino que despertem a sensibilidade do aluno, a fim de que ele reconheça o sentido da literatura em sua vida, mesmo diante de leituras mais desafiadoras.

Na perspectiva da proposta dos Referenciais Curriculares para o Ensino Médio do Estado da Paraíba (2007, p. 82)

O leitor de literatura que se deseja formar deverá ser aquele que, mesmo diante de algumas dificuldades, tenta superá-las, consciente de que muitas vezes, a leitura mais exigente pode gerar uma satisfação maior, um prazer de ler mais duradouro. Mesmo que nossos educandos e professores possam estar imersos no pragmatismo da vida moderna, é possível, através da literatura e da arte, minar lentamente esse pragmatismo e propor um modelo de leitura em que os sujeitos possam se inquietar e retomar inúmeras vezes

ao mesmo texto, procurando novos sentidos, tentando responder as inquietações suscitadas.

Ao abordar a literatura do ponto de vista desse pragmatismo apontado pelo documento acima citado, a escola repete um modelo de ensino que não se sustenta mais, e a literatura fica relegada a um lugar cada vez menos prestigiado no espaço escolar, visto que a tecnologia, os meios de comunicação de consumo mais acessíveis, podem desestabilizar a leitura do texto literário, e o efeito disso para o ensino é devastador, pois não é fácil competir com os meios de comunicação da indústria cultural.

Do ponto de vista da dimensão pedagógica, o que se questiona é como a escola pode desenvolver o gosto pela leitura e compreender os mecanismos e estratégias de leitura quando o professor, na sua formação profissional, não aprendeu os procedimentos para este fim, posto que ele, muitas vezes, não é um leitor efetivo de literatura. Discorrendo sobre esse assunto Lajolo (2002, p. 16) lembra que

Numa última perspectiva, o desencontro literatura-jovens que explode na escola parece mero sintoma de desencontro maior, que nós – professores – também vivemos. Os alunos não leem, nem nós, os alunos escrevem mal e nós também. Mas, ao contrário de nós, os alunos não estão investidos de nada. E o bocejo que oferecemos à nossa explicação sobre o realismo fantástico de “Incidente e Antares” ou sobre a metalinguagem de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” é incômodo e subversivo, porque sinaliza nossos impasses. Mas, sinalizando-os, ajuda a superá-los. Pois só superando é que em nossas aulas se pode cumprir, da melhor forma possível, o espaço de liberdade e subversão que, em certas condições, instaurou-se pelo texto e no texto literário.

É na escola, pela mediação do professor, que os alunos se relacionarão com a leitura e a escrita, e passam a enxergar a sua própria realidade e a realidade do outro. Essa relação é essencial ao jovem, que pelo contato e exploração de diferentes textos, e por meio de ações intermediadas, passará a interagir com as pessoas de forma dinâmica e a produzir um conhecimento partilhado. Para isto, a escola precisa motivar para a leitura e considerar a natureza do texto literário, conforme lembra os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio (2006, p. 71-72) “se o objetivo é motivar para a leitura literária, e criar um saber sobre a literatura, é preciso considerar a natureza dos textos e propor atividades que não sejam arbitrárias a essa mesma natureza”, considerando que o foco da leitura deva ser o leitor ou a recepção, e não exclusivamente sobre a abordagem dos fatos históricos.

As pesquisas, estudos e reflexões sobre o processo de recepção literária têm discutido o efeito e o significado do texto para o leitor, além de reconstruir o caminho histórico que traz

a obra para diferentes leitores em diferentes contextos. Para Jauss (2004, p. 31) “o horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público”. A teoria da recepção despertou um novo interesse para as pesquisas em história da recepção e sociologia da leitura, disciplinas que vem tentando promover mudanças de paradigmas no estudo da literatura.

É importante lembrar que a leitura de uma obra literária é um processo complexo, que compreende algumas fases como compreensão e levantamento de diferentes hipóteses de significação. Nesse sentido não há uma receita pronta e acabada quanto à abordagem do texto literário em sala de aula. Sobre esse aspecto Lajolo (2002, p. 14) alerta que “técnicas milagrosas para o convívio harmonioso com o texto não existem, e as que assim se proclamam são massificadoras, pois estabelecem uma harmonia só aparente, mantendo intato quando já instalado – o desencontro entre leitor e texto”, assim, não dá para assegurar que determinadas estratégias de leituras sejam eficazes no sentido de despertar o prazer pela leitura e a compreensão da literatura.

A inserção da música nas aulas de literatura se justifica pela tentativa de dinamizar cada vez mais as aulas e torná-las mais significativas para os alunos, pois ao ouvir, analisar e interpretar as letras das músicas os educandos revelam maior interesse por outras artes, sobretudo quando há um diálogo entre elas.

Para iniciar a execução do Projeto “Diálogo entre a literatura e a música: vivenciando atividades interdisciplinares”, foi feito um levantamento, através de questionários, sobre o gosto musical dos alunos, quisemos saber também como eles se relacionam com a literatura, e muitos revelaram que gostam de ler, que gostam das aulas de literatura, mas o tempo é pouco para ler e discutir os textos literários em sala de aula, já que eles dispõem apenas de uma aula de literatura por semana, o que inviabiliza um contato mais efetivo com o texto literário. A respeito da música, o gosto surpreende e descontrói a impressão de que a maioria dos jovens prefere a música que faz parte da indústria cultural atual, pois muitos disseram gostar de outros estilos e ritmos musicais como, Rock, MPB, Samba, de artistas que vão de Renato Russo a Chico Buarque de Holanda.

Durante o período de regência do projeto, procuramos selecionar algumas músicas que tivesse uma relação temática com obras de autores de diversos estilos literários, mas nos deteremos neste trabalho, em função da dificuldade de verticalizar as discussões sobre todas as atividades desenvolvidas ao longo do projeto, às obras do autores do Romantismo Brasileiro.

O trabalho iniciou com a leitura da obra “Iracema” de José de Alencar. Durante a leitura, que foi iniciada em sala de aula e se estendeu como atividade de casa, muitos alunos reclamaram da dificuldade de compreender a linguagem da obra, alguns revelaram que estavam lendo o livro com a ajuda de um dicionário, foi quando orientamos e deixamos o dicionário de lado e procurar compreender o sentido geral do texto, eles seguiram a orientação e concluíram a leitura, ainda com algumas dúvidas, mas com menos reclamações em relação à linguagem densa da narrativa de Alencar.

Para dialogar com o romance *Iracema* de José de Alencar, selecionamos a música “Iracema voou” de Chico Buarque de Holanda para refletirmos com os alunos sobre as duas personagens, que apresentam perfis diferentes, embora Chico Buarque faça uma alusão à personagem de Alencar. A primeira personagem está situada no século XIX e a segunda no século XX, mais precisamente no ano de 1999. Durante a aula, provocamos um debate e analisamos o contexto social e cultural de ambas as personagens. Na canção de Chico Buarque, discutimos as escolhas de Iracema representada por uma jovem nordestina que abandona sua cultura, sua pátria para aventurar um sonho de novas conquistas na América, o que acontece com muitos brasileiros que saem do país em busca de melhores condições de trabalho e estudo. A Iracema de Buarque é uma mulher ambiciosa, ela busca a ascensão social, como podemos constatar na voz do eu lírico quando afirma que: “ambiciona estudar canto lírico” (BUARQUE, 1999), ela representa a mulher contemporânea que se adapta facilmente às mudanças e novos costumes. Por mais que sinta saudade do Ceará, sua terra natal, ela sobrevive e supera a ausência de seu lar porque o desejo de ascender socialmente supera a saudade, isso se constata no seguinte verso: “tem saudade do Ceará, mas não muita, se puder vai ficando por lá” (ibidem).

A personagem da música é ousada em suas escolhas e mesmo não dominando o inglês, tem coragem de conhecer uma nova cultura “não domina o idioma inglês” (BUARQUE, 1999). Esse quadro revela a ousadia da brasileira moderna que se muda para o exterior sem dominar a língua estrangeira, mas objetivando uma vida melhor do que a que vive em sua terra “lava chão numa casa de chá”, mesmo trabalhando de empregada doméstica ela não desiste de seus ideais. Iracema é esperta e quer ficar na América a todo custo, ainda que tenha de viver na clandestinidade “não dá mole pra polícia” (ibidem), o que indica que mesmo que não esteja com a licença para continuar no país ela não se expõe para não ser vista pela polícia.

A obra *Iracema* de José de Alencar narra o trágico romance entre Iracema, uma jovem indígena, a virgem dos lábios de mel, e Martim, o estrangeiro branco colonizador português.

No romance *Iracema* e Martim se apaixonam e fogem para viverem esse amor proibido. Iracema abandonando sua família, seu povo e sua religião seguindo com seu amor, os dois são perseguidos, pois Iracema era filha do pajé e guardava o segredo de Jurema para isso necessitava manter-se virgem e o mancebo que a possuísse deveria morrer. Os Tabajaras ao descobrirem a fuga perseguem os amantes, travando um combate sangrento em que Iracema lutou contra sua tribo, os enamorados conseguem chegar a uma praia deserta, na qual Martim e Iracema constroem uma cabana, depois de algum tempo, Martim resolve ir guerrear junto com os Pitiguaras e com seu amigo Poti, deixando Iracema grávida na cabana, os Pitiguaras vencem e enquanto comemoravam a vitória Iracema dá luz a seu filho Moacir, após o parto ela fica gravemente debilitada por causa da tristeza profunda e saudade do amado e entes queridos, Martim chega logo depois, e ao ouvir o canto triste da Jandaia (ave que sempre acompanhava Iracema), presencia a tragédia, Ela ergue o filho apresenta-o ao pai, em seguida, desfalece e morre. Martim retorna para sua terra natal levando o filho consigo. Porém, quatro anos depois, voltam para o Ceará, onde implanta a fé cristã.

As duas “Iracemas” apresentam semelhança ao fazerem uma escolha. A Iracema de Alencar era guardiã de um segredo que se fazia necessário se manter virgem, o que também a proibia de se casar, e em função disso ela escolhe deixar o segredo e seguir com o amado, e a Iracema de Chico Buarque escolhe deixar a sua pátria em busca do sonho de melhorar de vida.

Diferentemente da Iracema de Chico Buarque, que abandona sua cultura em busca da ascensão social e não sofre de saudades, a Iracema de Alencar abandona sua cultura por amor e sofre por estar longe do seu povo, Alencar retrata uma mulher idealizada, uma versão mais romântica, que está muito presa ao seu "chão", suas raízes, ela sente uma tristeza profunda ao ver seus irmãos mortos na batalha. Podemos constatar a tristeza de Iracema no seguinte trecho:

Os olhos de Iracema, estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadáveres de seus irmãos; e longe o bando dos guerreiros tabajaras que fugia em nuvem negra de pó. Aquele sangue que enrubescia a terra, era o mesmo sangue brioso que lhe ardia nas faces de vergonha. O pranto orvalhou seu lindo semblante Martim afastou-se para não envergonhar a tristeza de Iracema. (ALENCAR, 1984, p.35).

Ao trabalharmos com a obra literária de Alencar e a música de Chico Buarque discutimos com os alunos as diferenças e semelhanças entre as duas personagens a partir do contexto histórico e social, considerando, sobretudo, o período de produção dos textos.

Assim, foi possível promover debates significativos retratando questões sociais, culturais e a temática do amor proibido tornando as aulas mais dinâmicas e participativas.

Entendemos que as duas artes abordadas em sala de aula podem contribuir com a formação e o conhecimento cultural do sujeito, principalmente a literatura, dada as possibilidades de leitura e alargamento dos horizontes de expectativas do leitor. Sobre esse aspecto, Silva (2009, p. 131) lembra que “ler traz inegáveis benefícios. Qualquer tipo de leitura pode contribuir para a formação e o enriquecimento da bagagem cultural dos alunos, mas é a leitura literária que tem o maior poder de alargar seus horizontes”. E isso se deve, segundo a autora, porque estimula a imaginação, visto que o leitor cria cenários e situações, pois entra na pele dos personagens e passam a sentir o que eles sentem, e com isso o leitor experimenta a fantástica experiência de ver o mundo por outro ângulo.

Ao longo das atividades, por indicação dos alunos, trabalhamos a música “Maria Maria” de Milton Nascimento, canção feita em homenagem à mãe do cantor e compositor, cuja admiração se revela pela luta e coragem da mulher que começou a trabalhar cedo para sustentar os filhos, situações vividas por diversas “Marias” que representam as mulheres batalhadoras, guerreiras que nunca desistem de lutar e enfrentar as dificuldades da vida. A referida música relata a vida de uma mulher que tem fé na vida para alcançar seus objetivos e conquistar seus sonhos, cotidiano de diversas brasileiras com essas dificuldades. Para dialogar com a música de Milton Nascimento, escolhemos a obra *Senhora* de Jose de Alencar, umas das últimas obras escritas por Alencar. Ele explora a temática do casamento como forma de ascensão social, dando início a uma discussão sobre certos valores e comportamentos da sociedade carioca da segunda metade do século XIX.

Pertencente ao modelo narrativo romântico, onde o amor é visto como o único meio de redimir todos os males, *Senhora* apresenta alguns elementos inovadores, da renovação realista, tais como: a crítica à futilidade comportamental e à fragilidade dos valores burgueses resultantes do capitalismo brasileiro. Neste romance, Alencar compõe seu último perfil feminino: o de Aurélia Camargo, moça órfã e pobre, dotada de grande firmeza de caráter. Ela fica noiva de Fernando Seixas, um rapaz que a amava, mas que foi se deixando envolver pelas aparências da vida social, gastando além do que tinha e acabando por arruinar a própria família: a mãe viúva e a irmã solteira. Por isso, troca Aurélia por outra moça, Adelaide, a quem não amava, mas que possuía um dote mais valioso.

Alencar retrata o amor como tema central em *Senhora* ele traz o tema do casamento por interesse financeiro apesar da sociedade privilegiar o homem, Alencar foi capaz de

manipular essa realidade moldando-a na forma da figura feminina abordando a situação social e familiar da mulher, em face do casamento e do amor.

A obra de Alencar apresentava severas críticas à hipocrisia da época, pois a mulher era instruída para cuidar do lar, dos filhos e dos afazeres domésticos. O autor questionava o uso do dote que regia os casamentos e o papel a que a mulher era submetida ao julgo de seus maridos sendo preterida em seu amor dependendo das condições financeiras, *Senhora* é considerado um romance brasileiro precursor de discurso feminista.

Houve a intervenção dos alunos no sentido de lembrar que a mulher do século atual vem procurando lutar incessantemente pela defesa de seu espaço, buscando com isso maior autonomia e participação mais ativa na sociedade, assim sendo, a mulher que outrora somente cuidava da casa começa a adaptar-se a esta nova representação de convívio em sociedade.

Com a análise da música “Maria Maria” de Milton Nascimento e da obra literária *Senhora* de José de Alencar realizamos debates interessantes acerca do papel das mulheres na sociedade, de épocas diferentes, século XIX elas viviam ainda sob um regime patriarcal e limitadas a uma vida doméstica em que o casamento era a única porta para uma vida respeitável. Com a leitura da música fica patente as mudanças que ocorreram para que hoje a mulher esteja atuante em todas as áreas da sociedade, além de dona de casa, elas assumem outros papéis na sociedade contemporânea.

Vale ressaltar que durante as leituras e discussões em torno das músicas e dos romances pertencentes ao Romantismo brasileiro, os alunos estabeleceram muitos diálogos com a realidade, destacando experiências próprias e a visão de mundo, sociedade e sujeito contemporâneo. A partir das discussões em sala de aula, os alunos se sentiram motivados para sugerir leituras de outras obras e estudo de outras músicas. De acordo com Aguiar (2013, p. 159), “quando a leitura ficcional representa atendimento ao gosto imediato do leitor, ela desencadeia o processo de identificação do sujeito com os elementos da realidade representada, gerando prazer”. Nesse sentido, podemos afirmar que a leitura de todas as obras estudadas durante um período de 6 meses, especificamente nas duas turmas de 2º ano do ensino Médio Integrado, neste ano de 2014, despertou mais curiosidade pela leitura de outras narrativas e, ao mesmo tempo, a curiosidade de conhecer, também, outras músicas, de estilos e épocas diferentes, estabelecendo sempre um diálogo entre as duas formas de arte e a realidade do contexto social atual.

Algumas palavras finais

O projeto trouxe resultados bastante positivos, possibilitou aos alunos do Curso de Letras envolvidos nas atividades, uma discussão ampliada em relação à música popular brasileira. Aos alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Agrotécnica do Cajueiro, Escola participante do Projeto, acreditamos que incentivou, e/ou possibilitou mudanças no repertório dos alunos; aulas prazerosas com diversificação de temas envolvendo a escola com músicas diferentes do cotidiano dos alunos; possibilitou a leitura de textos literários que envolvidos com a música tornaram as aulas muito mais dinâmicas; oportunizou o aperfeiçoamento dos alunos com relação à escrita e a oralidade por meio de produções textuais e músicas trabalhadas.

Assim, o projeto, provocou a análise das relações entre o universo literário e musical. Isto seu deu por meio de debates coletivos sobre os textos produzidos e de estratégias diferenciadas de atividades de interação por meio de apresentação de filmes, documentários, poemas, gincanas, dinâmicas, apresentação teatral entre outras atividades promovidas pelas professoras, aluna extensionista e colaboradoras. Vale destacar, que as atividades foram e são realizadas concomitantemente de acordo com a ementa das disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura, no entanto nos limitamos neste espaço apenas em apresentar as experiências realizadas durante as aulas de literatura.

O Projeto ainda está em andamento, e o resultado até agora revela que estabelecer esse diálogo entre a literatura e a música mudou a rotina dos alunos, visto que estão mais motivados para as leituras e discussões de obras literárias, sugerindo diversas leituras e músicas. Outro dado importante diz respeito à participação dos alunos em eventos como “Livro de mão em mão, literatura fonte de inspiração”, um projeto da Secretaria Municipal de Educação que tem como objetivo levar à Praça Pública trabalhos desenvolvidos pelas escolas no âmbito da literatura, desde a educação infantil aos anos finais do ensino fundamental.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Os pensadores*: Adorno. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Moderna, 1984.

_____. *Senhora, perfil de mulher*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1974.

AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura. In: *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

PARAÍBA/SEEC. Conhecimento de literatura. In: *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: linguagens, códigos e suas tecnologias*. João Pessoa/SEEC, 2006.

BRASIL. TV Escola. *Educação Musical Escolar*. Ano XXI Boletim 08 - Junho 2011.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB: Lei 9.394/96.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. Brasília, 1971. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/5692.htm.

_____. Lei n. 11.769, de 18 de agosto de 2008. Brasília: Diário Oficial da União, ano CXLV, n. 159, de 19/08/2008, Seção 1, página 1.

BURQUE, Chico. “Iracema voou”. In *As cidades*. São Paulo: BMG, 1999.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. Revista Ciência e cultura. São Paulo: vol. 24, nº 9, setembro de 1972.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aithesis e Katharsis. In: *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1992.

MELLO, Cristina. *O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários no Brasil*. Coimbra: Almedina, 1998.

NASCIMENTO, Milton. *Maria Maria e Último trem*. Rio de Janeiro, gravadora Nascimento, 2002.

PORTO, Márcia. *Um diálogo entre os gêneros textuais*. Curitiba: Aymar, 2009.

QUEIROZ, Luís Ricardo S. *Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música*. Revista da ABEM, Porto Alegre, n. 10, p. 99-107, 2004.

SILVA, Maria Lúcia Monteiro da. *Elomar e Zezé Di Camargo e suas traduções musicais dos sertões do Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ. Edição Acadêmica. (Dissertação de Mestrado em Letras - subárea: Língua Portuguesa - orientada pela Profª Drª Darcilia Simões), 2004.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Leitura literária & outras leituras*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

